

PERFIL

JOSÉ SILVEIRA — COM SEU SANTO E SEU FÔLEGO CONTRA O MAIOR FLAGELO DOS BAIANOS DE SEU TEMPO

O médico e empreendedor José Silveira nasceu em 5 de novembro de 1904, no município de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Depois da infância em Santo Amaro, continuou os estudos em Feira de Santana e Salvador. Formou-se em 1927, pela Faculdade de Medicina da Bahia, e, no ano seguinte, defendeu a tese inaugural “Radiologia da Descendente” (Meirelles et al., 2004), aprovada com distinção, sendo ele premiado com Medalha de Ouro por ser considerada a melhor monografia do ano.

Como Juliano Moreira, outro baiano, foi grande admirador da cultura germânica. O também tisiologista Aloysio de Paula ressaltou, na solenidade de entrega da medalha “Cardoso Fontes” a Silveira, que ele “sonhou em fazer uma Nuremberg na Bahia”. (José, 1990). Não por acaso, esse homem alto e louro, assíduo, disciplinado, respeitador de horários e cumpridor de compromissos, ganhou o apelido de “Alemão do Canela”, nome de um de seus livros de memórias. Mas ele era “visceralmente baiano”, como gostava de dizer, razão que o levou a recusar convites para trabalhar no Rio de Janeiro e até mesmo na Alemanha.

A Radiologia foi o campo de inspiração de sua tese doutoral, em 1927. Em sua primeira viagem à Alemanha, aprofundou seus conhecimentos tanto em Radiologia quanto na disciplina Tisiologia, que estu-

dava a um dos maiores flagelos da humanidade na época. Esta última se transformou em sua opção profissional. Em 1928, iniciou a sua atuação prática como assistente dos professores Prado Valladares e Armando Sampaio e no Ambulatório Augusto Viana da Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), que funcionava onde é hoje a Reitoria da Universidade Federal da Bahia.

Em 21 de fevereiro de 1937, criou em Salvador o Instituto Brasileiro de Investigação para a Tuberculose (IBIT). Nele, desenvolveu a maior parte de suas atividades em Tisiologia. Essa instituição simbolizou a sua concepção de que não se podia progredir sem que fosse criada uma base científica, seguindo as ideias do professor Ludolf Brauer, médico alemão, que muito o influenciou. Essa base científica, seguindo ele, concretizava-se em institutos de pesquisa, em vez de sanatórios, para a institucionalização do controle da tuberculose. Pelo IBIT, circulavam vários pesquisadores estrangeiros, organizando cursos e implantando setores de pesquisa e serviços no próprio Instituto, favorecendo o intercâmbio científico-cultural de outros países com a Bahia e outros Estados brasileiros. Essa relação institucional permitiu ao IBIT a constituição de uma das mais completas bibliotecas do Brasil, especializada, principalmente, em Tisiologia e Pneumologia.

Em abril de 1947, iniciou um curto período, de menos de um ano, como di-



retor do Departamento de Saúde Pública da Secretária de Educação e Saúde do Governo do Estado da Bahia. O governador Octávio Mangabeira e Anísio Teixeira, secretário de Educação e Saúde, impressionados com os trabalhos do IBIT, convenceram Silveira a assumir aquele cargo. Em sua curta gestão na Saúde Pública, começou a estruturar o programa estatal de controle da Tuberculose, tendo sido, depois, superintendente regional da Campanha Nacional Contra a Tuberculose no Estado, e autorizou a intervenção do Dr. Oswaldo Camargo e equipe no Hospital Juliano Moreira..

Quando, em 1990, aos 86 anos, foi indagado se criaria novamente uma instituição como o IBIT, de modo enfático e visivelmente orgulhoso, respondeu que não, por considerá-la “o desafio de um louco”. Explicou que, na ocasião, era uma pessoa pobre, que não tinha prestígio social e ainda não pertencia ao quadro acadêmico da universidade, requisitos importantes, segundo ele, para a realização de tal empreendimento em nosso país.

Além do IBIT, manteve a sua carreira docente. A partir de 1950, passou, por concurso de provas e títulos, a profes-

sor catedrático da Faculdade de Medicina da Bahia. Ensinou, também, na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, onde foi, também, professor catedrático de Tisiopneumologia. Ensinou na Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia.

Além das atividades no IBIT e da atuação acadêmica, José Silveira dedicou-se, também, ao atendimento em seu consultório particular, onde atuou durante toda a sua vida profissional. **Foi dirigente médico**, tendo sido um dos fundadores e presidente da Associação Bahiana de Medicina (ABM). Organizou e participou de inúmeros congressos nacionais e internacionais, apresentando trabalhos em Tisiologia.

Adepto da BCG, Silveira desenvolveu no IBIT pesquisas sobre o uso da vacina juntamente com Arlindo de Assis, grande difusor e pesquisador dessa vacina no Brasil. Defendeu o uso da abreugrafia para a busca ativa de casos de tuberculose, dado o grave quadro epidemiológico da doença no país. Com certo saudosismo, questionou até o fim de sua vida o desaparecimento da figura do Tisiólogo, como profissional especialista no controle da tuberculose, que desapareceu após a introdução da quimioterapia antibiótica e a simplificação do tratamento da doença.

Na década de 1980, foi criado o Hospital do Tórax, anexo ao prédio do IBIT. Esse hospital foi, posteriormente, transformado no **Hospital Santo Amaro**, dedicado ao atendimento materno-infantil. Ainda nos anos 80, o IBIT foi incorporado à então recém-criada Fundação José Silveira, financiada pela iniciativa privada. Esta fundação é, hoje, composta pelo Hospital Santo Amaro, pelo Laboratório Ludolf Brauer, pelo Núcleo de Toxicologia e Ambientes e pelo Centro de Saúde Ocupacional, cabendo ao IBIT a atuação de cunho filantrópico.

A literatura constitui-se, também, uma de suas atividades e, como escritor, dedicou-se a retratar em suas publicações, geralmente autobiográficas, seus sonhos, realizações e sua compreensão de vida. Dois exemplos: “Vela acesa” (Silveira, 1980) e “No Caminho da Redenção” (Silveira, 1988).

Sua esposa, de origem grega, esteve sempre ao seu lado no IBIT, trabalhando junto às famílias dos tuberculosos pobres. Ela criou a Escola do Menino Jesus, inicialmente voltada para o atendimento aos filhos de tuberculosos e que, hoje, atende a crianças pobres da redondeza. Em Santo Amaro, cristalizou a sua trajetória de menino pobre a médico renomado com a criação de um centro cultural, o NICSA – Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro, instalado no sobrado onde passou a sua infância, voltado para o desenvolvimento cultural das crianças.

José Silveira, que viveu 96 anos e cinco

meses, tornou-se encantado, como nos ensinou Guimarães Rosa, em 04 de abril de 2001, na cidade de Salvador, que, depois de Santo Amaro da Purificação, ele tanto amou. O eufemismo de Rosa é não só belo, mas verdadeiro, pois se a morte – a morte definitiva – é o esquecimento, José Silveira está vivo em suas obras, seja aqui em Salvador, com destaque para o Complexo do Hospital Santo Amaro, seja o NICSA em Santo Amaro, com seu museu, sua biblioteca e sua escola e uma série de ações sociais no município. Ele é uma “vela acesa”, como disse numa crônica o romancista baiano Wilson Lins (Silveira, 1980, p.7). O nosso artigo na Revista Baiana de Saúde Pública (Jacobina, 2010) e o capítulo de livro recente (Jacobina, 2016), embora singelos, servem também como testemunhos de que o nosso Dom José Silveira, essa chama ardente de seu *Santo Amaro*, vive e ilumina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- JACOBINA, Ronaldo R. A Intervenção no Hospital Juliano Moreira em 1947: Entrevista com o Prof. José Silveira. *Revista Baiana de Saúde Pública*. Salvador, v. 34, n. 1, p. 175-186, 2010. (http://www.saude.ba.gov.br/rbsp/pdf/RBSP_Vol_34_n1_2010.pdf)
- JACOBINA, Ronaldo R. Dom José Silveira: com seu santo e seu fôlego contra o maior flagelo dos baianos do seu tempo. In: DUARTE, Zeny; MALHEIRO DA SILVA, Armando. (org.). *Os médicos e a cultura em Portugal e na Bahia: olhar(es) introspectivo e analítico sobre o “modo de ser e estar” médico-cultural*. Salvador: EDUFBA, p. 199-2004, 2016.
- JOSÉ Silveira. Resenha Biográfica. COC / Fiocruz, 1990. Extraído em: <http://www.coc.fiocruz.br/tuberculose/josesilveira.htm#resenha>. Acesso em 30 de abril de 2009.
- SILVEIRA, José. *Vela acesa. Memórias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1980.
- SILVEIRA, José. *No Caminho da redenção. Retrato de uma época*. Salvador: Edição do Autor, 1988.

Ronaldo Ribeiro Jacobina – Professor Titular de Medicina Social da Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA. 18º Presidente da Associação Baiana de Medicina. Doutor em Saúde Pública.

ERRATA: O perfil da primeira professora de Medicina da Bahia, Francisca Pragner Fróes, publicado na última edição de Luta Médica, foi escrito por Ronaldo Ribeiro Jacobina.